

A CIÊNCIA E RELIGIÃO: CAMINHOS CONVERGENTES OU DIVERGENTES?

Alessandra Carlos Costa Grangeiro¹
Olivar Basílio da Costa²

RESUMO

A controvérsia entre a Ciência e a Religião se acentuou, no Ocidente, no século XVI, na ocasião em que Galileu defendeu que a terra não era o centro do universo como, até então, era aceito como verdade. Desde então, as disputas se tornaram cada vez mais acirradas e chegou ao ápice no século XIX, com o desenvolvimento das idéias positivistas. Desde então, a Ciência passou a reinar no que diz respeito ao desvendamento do homem e do Universo. Isso não foi assim na Antiguidade, pois, nesse contexto, os conhecimentos não estavam tão compartimentados. Embora a Ciência tenha demonstrado muitos resultados ao longo de seu desenvolvimento, há objetos de estudo que fogem das suas possibilidades de análise, como é o caso de questões relacionadas ao transcendente. Considerando a impossibilidade de desconsiderar essas coisas é que se justifica a proposta desse trabalho. O mundo moderno tem muita tecnologia, mas isso não tem diminuído a falta de harmonia na sociedade, pelo contrário, tem aumentado. Com essa constatação, propõe-se, sem desconsiderar os avanços científicos, a consideração de questões relacionadas à religiosidade e especificamente mencionaremos sobre a possibilidade de a Bíblia ser considerada como a verdade por excelência.

Palavras-chave: Ciência; Religião; Bíblia

ABSTRACT

The controversy between science and religion increased, in the west, in the 16th century, on the occasion in which Galileu defended that the earth was not the center of the universe, which, until then was accepted as truth. Since then, the arguments have become more and more obstinate and reached its peak in the 19th century, with the development of positive ideas. Since then, science started its reign as for the understanding of the man and the universe. It was not like this in the past, but, in this context the knowledge was not so compartmentalized. Although science has demonstrated many results during its development, there are objects of studies that escape its possibilities of analysis, like the case of questions related to transcendent. Considering the impossibility of despising these things, the purpose of this work is justified. The modern world has a lot of technology, but this has not decreased the lack of harmony in society, on the contrary it has increased. Observing this, we propose, without going against scientific advances, considering the question related to religion we will specifically mention the possibility of the Bible being considered the absolute truth.

Key-words: Science; Religion; Bible.

¹ Doutoranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Goiás (UFG); professora na Universidade Estadual de Goiás (UEG); membro da Rede Goiana de Pesquisa em Ensino e Leitura de Poesia; coordenadora do Seminário SEIFA e diretora acadêmica das Faculdades Integradas da Fama (FAIFA).

² Advogado; especialista em direito penal; pastor da Igreja Evangélica Assembléia de Deus do Ministério Fama em Goiânia, Goiás; presidente do Projeto ASAS; diretor geral do Seminário SEIFA e das Faculdades Integradas da Fama (FAIFA).

1 INTRODUÇÃO

É longa a disputa entre Ciência e Religião. No Ocidente, começou no século XVI, na ocasião da defesa de que a terra não era o centro do universo. A igreja não aceitou esse posicionamento e fez com que Galileu negasse suas idéias³; se se recusasse a obedecer tal comando, seria queimado vivo. Porém, o resultado dessa batalha foi favorável a Galileu, pois, pouco a pouco, a religião perdeu a autoridade para explicar o mundo. Quando, no século XIX, Darwin lançou sua teoria sobre a evolução das espécies, contra a idéia da criação divina, o fosso entre ciência e religião já era intransponível.

O conceito de religião pode ser abordado a partir de algumas perspectivas: são sistemas simbólicos com plausibilidades próprias; do ponto de vista individual, caracteriza-se como a afirmação pessoal de que existe algo transcendental, algo extra-empírico, algo maior, mais fundamental ou mais poderoso do que a esfera que é imediatamente acessível através do instrumentário sensorial humano; enfim, as religiões se compõem de várias dimensões: a dimensão da fé, a dimensão institucional, a dimensão ritualista, a dimensão da experiência religiosa e a dimensão ética, e cumprem funções individuais e sociais. Nesse diapasão, elas dão sentido para a vida, pois alimentam esperanças para o futuro próximo ou remoto, sentido esse que, algumas vezes, transcende o da vida atual e, com isso, tem a possibilidade de amenizar, senão acabar, com sofrimentos imediatos. Por tudo isso, as religiões são capazes de colaborar, intensamente, com a manutenção ou a destruição de sistemas políticos, no sentido ou de legitimar e estabilizar um governo ou de estimular atividades revolucionárias⁴. Além disso, religiões integram socialmente, uma vez que membros de uma comunidade religiosa compartilham a mesma cosmovisão, seguem valores comuns e praticam sua fé em grupos.

³ Para melhor compreensão desse fato, ver o trabalho de Sérgio M. Pagani e Antônio Luciani em *Os documentos do processo de Galileu Galilei*. RJ: Vozes, 1994. Interessante apontar que, depois de um duelo tão intenso com a igreja, através da Inquisição, instituição totalmente sistematizada, conforme demonstra o *Manual dos inquisidores*, elaborado por Nicolau Eimerich, houve o reconhecimento, pelo papa João Paulo, do erro cometido contra o cientista.

⁴ Sobre essa questão, ver o interessante estudo desenvolvido por Delcio Monteiro de Lima em *Os demônios descem do Norte*. RJ: Francisco Alves, 1989. O autor analisa as manipulações políticas das seitas no Brasil por grupos políticos e econômicos que querem manter o controle. Segundo a consideração desses grupos, essas seitas, preocupadas com as questões espirituais, não se envolvem em manifestações revolucionárias, portanto, são facilmente manipuláveis; daí o interesse que esses grupos têm de dar apoio financeiro para que elas se expandam, o que, de fato, já pode ser comprovado.

Nesse caso, esse posicionamento converge para o de Mircea Eliade, em *Mito e realidade*⁵. Segundo Eliade (2002) o mito, nas sociedades arcaicas, é mais que uma fábula, uma invenção, pois é uma história verdadeira e como tal deve ser considerado. Isso porque o mito possui um caráter sagrado. Nesse caso, os mitos funcionam como modelos para a conduta humana e, portanto, dão significação e valor à existência humana; o que significa dizer que o comportamento humano é caracterizado e moldado pela sua concepção religiosa, tendo em vista a analogia que nos dispomos a fazer, pois codifica uma crença, impõe princípios morais e oferece regras para a orientação do homem, que o cientificismo não consegue apagar. Com essa constatação, propõe-se, sem desconsiderar os avanços científicos, a consideração de questões relacionadas à religiosidade e especificamente mencionaremos sobre a possibilidade de a Bíblia ser considerada como a verdade por excelência.

2. CIÊNCIA E RELIGIÃO: TENTATIVA DE DEFINIÇÃO

Conforme apontado por Eliade (2002), o comportamento mítico desaparece com a independência política e intelectual do homem, momento que marca o florescimento da Filosofia. Modernamente, ainda mais é relegado, pois se nem mesmo a Filosofia satisfizesse as curiosidades científicas, os mitos é que não satisfariam mesmo. O que se percebe, então, é o crescente desprezo que a Ciência tem pelos mitos e, por consequência, pela religião. Esse desprezo resultará num avanço científico sem precedentes, sem que haja um avanço nas questões primordiais relacionadas ao comportamento humano, tais como os princípios éticos tão essenciais para que uma sociedade viva em equilíbrio⁶.

Ainda referente ao mito, deve-se ressaltar o fato de o despertar da consciência do homem estar relacionado à necessidade de, a partir de então, dar

⁵ O autor, nesse texto, no capítulo intitulado *A estrutura dos mitos*, se refere aos mitos, porém, por analogia, fazemos referência à religião, pois, a nosso ver, no que diz respeito à questão de integração social das comunidades a religião exerce o mesmo papel dos mitos, apontado por Eliade. Deve-se ressaltar, também, que a religião é considerada, para muitos estudiosos, especialmente filósofos, um mito tal como é o caso de Adão e Eva, nesse caso, estamos bem mais, então, do posicionamento do autor.

⁶ Capra, em *O ponto de mutação*, demonstra sua grande preocupação com os caminhos trilhados pela ciência que deixam de considerar a vida em seus valores éticos e morais; isso resulta em desconsideração com o futuro das gerações. Essa preocupação é mostrada na discussão sobre os resultados da invenção da bomba atômica e das descobertas na área da genética.

explicações a si mesmo acerca da natureza, seus fenômenos e, também do seu lugar dentro dela, fez com que surgisse o imperativo de dar explicações provisórias acerca da realidade. Estas, foram tomando formas diferentes e criando uma dimensão bastante ampla no seio dos diversos povos que marcharam da pré-história para a Antiguidade. Essa explicação, embora com enormes variações, é comum a todas as civilizações que deram início à história da humanidade.

Assim como há a definição da Religião, há, também, a da Ciência. Esta é uma maneira específica de observar e descrever a *realidade* e, portanto, de adquirir conhecimento sobre ela. Em função da complexidade da *realidade*, as ciências têm diferentes abordagens para investigar certos segmentos da *realidade*. O que se refere à realidade é bastante complexo, pois do ponto de vista científico ela se restringe à esfera empírica, o que significa dizer que *realidade* é somente aquelas camadas da existência que são extraídas da observação, podendo esta ser direta (através dos sentidos) ou indireta (através de dedução com base em uma estatística⁷).

Essas considerações deixam plenamente perceptíveis as limitações da Ciência no que diz respeito à compreensão da *realidade*, tendo em vista que esta vai além dos elementos empíricos e cientistas empíricos não trabalham com conceitos metafísicos, ou seja, eles não levam em conta um nível extra-empírico. Isso não significa a negação da existência dessa dimensão do *ser*, mas tem a ver com a posição metodológica em que se considera cientificamente irrelevante a questão sobre a *última realidade*, sobre o *absoluto*, sobre algo que transcende as esferas *relativas*; porém, essas esferas, segundo o nosso posicionamento, não devem ser desconsideradas tendo em vista a importância que elas têm para a formação da concepção de vida e do homem e, por consequência, para a definição das suas ações. É dentro desse contexto que a Bíblia pode ser vista como uma das fontes de conhecimento acerca da existência humana. É possível conhecer o mundo pelas seguintes fontes: a lógica, a observação e as Escrituras Sagradas. Quando se alcança uma esfera de conhecimento que ultrapassa as duas primeiras, as Escrituras permanecem como possibilidade de se chegar à verdade. Esse também é

⁷ Estatísticas indicam efeitos e não causas; e as deduções, a partir delas não são confiáveis em função das variáveis do comportamento humano.

o posicionamento de John Byl (2003), astrônomo conceituado e autor de *Deus e o cosmos: um conceito cristão do tempo, do espaço e do universo*.

Apesar das divergências que há entre Religião e Ciência, há várias convergências, pois tanto a Religião quanto a Ciência são sistemas de compreensão e de interpretações do mundo; nesse sentido, os objetivos da teoria Big-bang e os da doutrina cristã são os mesmos, ou seja, explicar a origem do universo.

De um modo geral, há muito mais convergências do que divergências, do ponto de vista sociológico, entre Religião e Ciência. No que diz respeito à questão do impedimento do desenvolvimento científico, pela religião, o ocorrido com Galileu deixa isso bem evidente; porém, de um ponto de vista mais amplo, as ciências modernas se desenvolveram mais na Europa em virtude de a tradição judaico-cristã ser ali tão forte. A idéia de um Deus transcendental, provocou uma reação nas ciências exatas e estas promoveram uma sistematizada investigação própria.

Nessa dimensão, a religião, ao invés de inibir o desenvolvimento científico, promoveu-o. Portanto, foi extremamente desnecessário o distanciamento do homem dos valores religiosos. A partir de um momento de transição, entre a Idade Média e a Moderna, como foi o Humanismo, houve um retorno muito forte ao pensamento de autores clássicos da Antiguidade e a grande questão era o desenvolvimento da capacidade racional do homem. Esse desenvolvimento tão centrado no homem, portanto, o pôs no centro do universo, e se caracterizou pelo predomínio de uma visão antropocêntrica e era, então, uma reação contra uma visão teocêntrica tão própria da Idade Média. Nesse ponto, o contexto histórico já era o auge do Renascimento, movimento cultural tão importante para fazer alavancar os ideais racionalistas e esmorecer os religiosos. A crença na autonomia racional do homem gerou o seu afastamento das esferas transcendentais e deixou-o carente de valores autênticos que deveriam nortear as suas ações. A crença racionalista chegou ao ápice, na modernidade, com a afirmação acerca da morte de Deus.

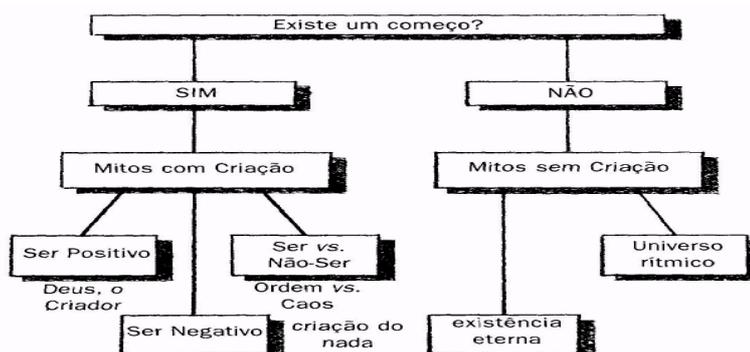
Para melhor compreender as convergências entre a Religião e a Ciência e para, então, demonstrar a importância e a força religiosa em todas as dimensões da vida humana, opta-se por fazer algumas considerações amplas acerca da origem do universo e do homem. Essa discussão se justifica pelo fato de que, com o avanço da

ciência, o estudo da origem ficou sob a responsabilidade dela, porém, novos estudos mostram a insuficiência científica para apreensão total desse fato que é, sem sombra de dúvidas, o que mais intriga o homem.

3. A ORIGEM DO UNIVERSO

O fascínio pelo desconhecido fez com que o homem sempre procurasse responder questões de ordem metafísica. Portanto, mesmo na Antiguidade, os homens de todas as culturas sempre puderam dar respostas acerca da origem de todas as coisas. Nesse sentido, observa-se que essa origem é explicada desde os mitos de criação até por modelos científicos. É com esse entendimento que o físico Gleiser (1997) estuda acerca da origem, ou seja, ele examina de que forma a nossa compreensão da Natureza e do Universo se desenvolveu desde os pré-socráticos até a introdução da mecânica e da teoria da relatividade nas primeiras décadas do século XX.

Em seu estudo, Gleiser (1997) faz uma classificação dos mitos da criação e chega à conclusão de que há mitos que apresentam um começo para tudo e outros que não apontam um começo, ou seja, há mitos com criação e mitos em que o Universo é eterno. O primeiro caso pode ser dividido em três grupos, de acordo com o agente que concretiza a criação: o Universo pode ser criado a partir da ação de um Ser positivo, que pode ser um deus, uma deusa ou vários deuses; pode aparecer a partir do vazio absoluto, o ser negativo ou o não-ser ou ainda pode surgir a partir da tensão entre ordem e caos. O segundo caso pode ser dividido em dois grupos: o em que o Universo existe e existirá para toda a eternidade e o em que o Universo é constantemente criado e destruído em ciclos contínuos e repetitivos. Essa classificação pode ser visualizada na figura abaixo, oferecida pelo próprio físico:



Marcelo Gleiser (1997) dá uma série de exemplos que ilustram cada um dos casos apontados anteriormente e, em seguida, começa a exposição do pensamento dos pré-socráticos para apontar o desenvolvimento da explicação do surgimento do Universo dentro de uma perspectiva científica. Depois de uma longa exposição de todas as correntes científicas mais significativas, o autor expõe bem explicitamente o seu posicionamento no que diz respeito às semelhanças dos modelos míticos e científicos. Na sua exposição,

[...] é possível obter uma classificação dos modelos cosmogônicos modernos que segue uma classificação dos mitos cosmogônicos. Podemos classificar os vários modelos de acordo com a forma como eles tratam a questão da origem do Universo. Mais uma vez, ou os modelos assumem uma origem temporal para o Universo ou não (GLEISER, 1997, p. 387).

Segundo a sua explicação, os modelos que não supõem uma origem temporal para o Universo podem ser demonstrados pelo modelo do estado padrão, proposto por Bondi, Gold e Hoyle. Esse modelo supõe a existência eterna do Universo e, nesse caso, a matéria é criada continuamente. Outro modelo dessa classificação é o cíclico ou o *Universo Fênix*. Segundo esse modelo, que apresenta uma geometria fechada, o Universo alterna períodos de expansão e contração. Sobre os modelos com uma origem temporal, segundo Gleiser,

Tal como na classificação dos mitos de criação, os modelos propostos até agora também pertencem a três categorias. Certos modelos propõem a *criação a partir de algo*, outros supõem a *criação a partir de nada*, e há ainda outros que supõem que *a ordem surgiu do caos primordial*. Um exemplo de um modelo que supõe a *criação a partir de algo* é a hipótese do átomo primordial de Lemaître. (...) O modelo do *big-bang* proposto originalmente por Gamov também supôs um estado inicial no qual certas partículas de matéria estavam presentes (GLEISER, 1997, p. 387-388).

Marcelo Gleiser deixa claro na sua exposição que

os modelos científicos são descrições quantitativas do mundo natural, enquanto mitos são histórias criadas para organizar e dar sentido às nossas vidas. Entretanto, o desejo de compreender o Universo em que vivemos é comum a ambos, assim como o fascínio exercido pela questão mais fundamental sobre a nossa existência. (...) deparamo-nos com um senso inevitável de repetição, provocado pelo reconhecimento de que as metáforas básicas por trás dos mitos e dos modelos científicos têm muito em comum (GLEISER, 1997, p. 394).

Como cientista, Gleiser (1997) procura sistematizar suas descobertas a partir de uma linguagem científica e, portanto, matematizada. Mas, mesmo sendo cientista, não deixa de evidenciar as limitações da ciência no que diz respeito à origem do Universo. Nesse sentido, não há porque desprezar o conhecimento religioso que, também, dá a sua explicação.

De forma resumida e ampla, a questão da origem do Universo possui duas grandes correntes que objetivam explicar esse grande mistério: a criacionista e a evolucionista. Desde já, esclarece-se que o posicionamento dos autores é em favor da corrente criacionista. Embora o objetivo não seja discutir minúcias acerca dessa questão, primeiro porque não são especialistas nessa área e depois porque não é o objeto de estudo desse trabalho, consideram relevante expor alguns argumentos para demonstrar que seu posicionamento não se dá simplesmente por uma fé cega e cômoda que prefere explicar tudo como criação de um Deus por mera comodidade.

Os fatos da natureza são explicados, conforme já indicado anteriormente, por dois modelos: o criacionista e o evolucionista. Esses modelos procuram explicar a origem do cosmos, do sistema solar, da biologia dos elementos até chegar à origem do homem. No primeiro modelo, há um criador de tudo e, portanto, uma mente altamente inteligente e, no segundo, o desenvolvimento é espontâneo e, portanto, por acaso⁸.

Os ancestrais do homem, impressionados pela beleza de tudo, especialmente do sol, da lua e das estrelas e, por serem, fundamentalmente, religiosos divinizaram esses elementos da natureza. Na Mesopotâmia, a lua e as estrelas eram adoradas como deuses; no Egito, o sol era o grande rei dos reis e, portanto, era o grande imperador. Ele vencida o caos das trevas e, conduzindo seu grande barco pelo céu,

⁸ Acerca do tempo da criação, é muito questionado o relato dos seis dias registrados em Gênesis. Assim diz Antônio Neves de Mesquita: *Ninguém negará que Deus podia fazer tudo que fez em seis dias num só dia, bem como podia fazer num momento o que fez no primeiro dia, ainda que este fosse de 24 horas. Não temos, pois, necessidade de discutir a questão do poder divino, mas o método divino. Para Deus, um dia é como mil anos e mil anos como um dia. Parece que os que aceitam a idéia do dia de 24 horas esquecem que para o Criador o tempo é questão insignificante* (56) A discussão aberta por Mesquita resulta na demonstração que o termo *dia*, referido na Bíblia, pode não significar o dia de 24 horas tal como o conhecemos, até porque nossos dias e nossas noites são governados pelo sol e este só apareceu no quarto dia. Isso que dizer que o termo dia pode ter uma significação muito mais vasta; este pode significar, inclusive, milhões de anos e isso não mudaria em nada o poder de Deus presente na criação e nem diminuiria a fé de nenhum devoto da Palavra de Deus. Diferentemente de Mesquita, John Byl afirma que os dias aos quais a Bíblia se refere são exatamente dias de 24 h, conforme se conhece.

iluminava o submundo durante a noite. Mas, houve um povo na Antigüidade que dava explicações de tudo acerca da natureza de forma distinta da dos outros povos. Esse povo era o israelita e é a Bíblia que melhor relata acerca dele. Segundo esse povo, há um só Deus e único criador do céu e da terra e, portanto, do sol, da lua e das estrelas; estes últimos são apenas portadores de luz e indicadores do tempo e das estações.

Esse relato bíblico, embora tenha havido, sempre, muita oposição a ele, é extremamente sóbrio para relatar como o mundo apareceu⁹. Só a título de exemplo, o Velho Testamento fala acerca do número de estrelas tão grande quanto o de areia; essa afirmação foi feita num tempo em que os astrônomos pensavam que podiam conhecer o número de estrelas. Só no século XVII, com o telescópio de Galileu, os cientistas souberam que as estrelas são, absolutamente, incontáveis e que o Universo é vasto demais para ser compreendido pela mente humana.

Na atualidade, os estudiosos são mais sofisticados e avançados que nas antigas civilizações; dominam o espaço; seu conhecimento científico aumenta consideravelmente, mas, ainda assim, não são capazes de dar respostas básicas acerca das grandes perguntas que os homens sempre fizeram. O modelo criacionista é acusado de, supostamente, não ser científico e, portanto, deve ser descartado, pois nele Deus explica tudo, mas não pode ser examinado no laboratório, o mesmo ocorre com a ciência quando se trata de acontecimentos únicos como o da formação do universo. Estes autores pensam o contrário, pois se

⁹ Pelo seu estudo é possível, inclusive, compreender a origem da própria mitologia, pois, na Antigüidade, fatos reais eram narrados oralmente, ou seja, transmitidos dentro das linhagens (clãs). Inicialmente, a Bíblia faz menção de duas linhagens: uma piedosa e outra impiedosa. Por isso, os relatos reais sofreram alterações no conteúdo para atender os interesses políticos e econômicos de cada linhagem. Posteriormente, houve a divisão das nações (Babel, Gênesis 10) e as ramificações étnicas fomentaram as várias narrativas (mesopotâmica, egípcia, grega, romana etc.). A preservação do relato original foi feita pela linhagem piedosa, que deu origem à nação judaica, com Abraão, conforme Gênesis 12. O que a nação judaica fez foi condensar a verdade, sob a orientação inspiradora de Deus, negada pelos cientistas, embora eles aceitem os grandes *insights* científicos, extraída das versões mitológicas já, então, bem desenvolvidas. Por isso, é possível encontrar tantas semelhanças entre os relatos religiosos, desde a Antigüidade, ou seja, o que se observa é que cada povo conduziu consigo parte da verdade real o que resultou na elaboração de eficientes sistemas religiosos e filosóficos (Hinduísmo, Budismo, Confucionismo, etc.) (Sobre essa questão ver a abordagem arqueológica de Merrill F. Unger em *Arqueologia do Velho Testamento*. SP: Imprensa Batista Regular, 1989.) A falta de comunicação entre os povos fomentou as diferenças e as preservou ao longo dos séculos; diferentemente do que tem ocorrido atualmente, pois o que se vê é a fusão das religiões, um misticismo moderno ou Nova Era; e isso é resultado do processo de globalização (Sobre essa questão ver o estudo de Jostein Gaarde em *O Livro das Religiões*). Sobre a questão da origem da mitologia ver a abordagem arqueológica de Merrill F. Unger em *Arqueologia do Velho Testamento*. SP: Imprensa Batista Regular, 1989.

o homem fizer o papel de criador, ele pode criar algumas formas de vida simples, no laboratório. Para os evolucionistas, para se produzir vida não é necessário supor nada que não seja ou matéria ou energia. Nesse caso, esse modelo é que não é científico, pois já foi comprovado que a matéria não se organiza sozinha; o que é preciso, para formar a vida, é injetar informações vindas de um ser inteligente na matéria, seja esse ser Deus ou o homem.

O modelo evolucionista não poderia ser verdadeiro pelo simples fato da existência das leis da termodinâmica, especialmente da segunda que afirma que tudo, construído ou natural, irá cair e se desintegrar, nada é eterno, tudo muda e o caos aumenta. Diante disso, cientistas já observaram que os processos químicos se tornam menos eficientes; composições químicas se desfazem e se tornam mais simples. Ou seja, o que ocorre é o processo de desintegração, tudo na natureza regride até chegar ao caos¹⁰.

Tudo isso são sérios obstáculos para a sustentação do modelo evolucionista que requer que os átomos se organizem em arranjos cada vez mais complexos e mais ordenados, ou seja, segundo os evolucionistas, em milhões de anos, tudo se torna mais ordenado e mais complexo.

A constatação da veracidade da segunda lei da termodinâmica, que os arranjos se tornam cada vez mais simples e desordenados, fez com que muitos cientistas abandonassem essa tese¹¹.

A origem do sistema solar é *explicada* por várias teorias. O *itálico* da palavra explicada se justifica pelo fato de que, na verdade, não há explicação nenhuma, ou seja, não é realmente possível que esse sistema tão complexo tenha surgido por acaso.

As leis que o regulam são tão precisas, a ordem dos movimentos é tão perfeita que, ao que tudo indica, até agora, não é possível não reconhecer que tudo

¹⁰ Seguindo a linha desse raciocínio, a entropia que é uma medida do nível de desordem do universo é de fundamental importância para demonstrar a impossibilidade do modelo evolucionista. Alcançando seu nível máximo, haveria um equilíbrio que não permitiria mais mudança, mais trabalho nenhum, o que seria um tipo de morte.

¹¹ Contrariamente, mesmo diante dessas evidências, esse modelo é ensinado nas escolas sem o mínimo questionamento dos professores que, por certo, não entendem nada de física e, portanto, não percebem a incompatibilidade do modelo com as leis da termodinâmica.

foi criado por um ser superior: Deus¹².

O que cientistas têm observado é que a fonte de informações, que de fato sustenta o fenômeno da criação, não pode ser encontrada no próprio Universo, mas transcende-o. Nesse caso, a explicação está no que é transcendente, que é o próprio Deus¹³.

4. A ORIGEM DO HOMEM

Segundo os materialistas, a vida não é mais do que reações químicas. Esse posicionamento é facilmente questionável dada a complexidade do sistema celular. Antes de tratar da origem do primeiro homem, deve-se discorrer acerca do fascinante momento da concepção humana que, por si só, é muito mais do que meras reações químicas.

Do ovo fertilizado, interessa fazer algumas considerações acerca da molécula de DNA que é comprida e contém todas as informações sobre a vida que virá ao mundo: cor da pele, dos olhos, dos cabelos etc. É essa molécula que determina as espécies e suas propriedades. Ela é formada por duas cordas paralelas em forma de espiral e nelas está presente todo o código genético que não é mais do que simples substâncias químicas ligadas fracamente pelo hidrogênio. Quando há a divisão celular, a espiral, também, se divide. As informações contidas, que são duplicadas, podem ser comparadas com informações presentes em 1000 livros com 500 páginas

¹² Mesmo considerando a impossibilidade do modelo evolucionista no quesito *do por acaso* ou dos materialistas, que será discutido posteriormente, que afirmam que tudo não passa de reações químicas, a Bíblia não nega um desenvolvimento evolutivo lógico. Sobre essa questão pode-se consultar o estudo desenvolvido por Antônio Neves de Mesquita em *Estudo do livro de Gênesis*. RJ: Casa Publicadora Batista, 1979. Esse autor demonstra que o livro de Gênesis, nos seus primeiros versículos, representa todas as conquistas da moderna Astronomia, da Geologia e das ciências modernas, tais como a Paleontologia, a Paleantropologia, a Zoologia, a Biologia, a Física, a Química etc. Na realidade, existe uma sequência lógica no surgimento de todas as coisas, até porque o homem não sobreviveria em circunstâncias adversas ao seu organismo; o que é ilógico e inadmissível é que tudo surgiu espontaneamente, por acaso. Sobre esse assunto assim diz Mesquita: "Do ponto de vista das ciências que se relacionam com a terra, os astros, a vida e as nações, o Gênesis, em sua admirável síntese, quando visto por olhos que desejam a verdade, constitui um admirável repositório do saber. Impressionam as conclusões da Geologia, sobre a formação da terra, suas épocas, a vida e seu desenvolvimento em Radiata, Articulata, Molusca, Peixes, Répteis, Pássaros, Quadrúpedes e Homem, segundo Cuvier. Acrescentando-se a vida vegetal, teríamos em primeiro lugar relva, erva, árvores frutíferas, para depois entrarmos no reino animal. Tudo isto é mais que maravilhoso, se tomarmos em conta a era em que Moisés escreveu" (Mesquita, 1979, p. 32).

¹³ De forma geral, essa constatação não é difícil de ser aceita por cientistas, mas o que é difícil é a aceitação de que esse Deus se revelou à humanidade em forma de homem, através de Jesus Cristo que, segundo a Bíblia, é a fonte do *logos* de toda informação necessária à feitura do Universo e da própria vida.

cada. E as moléculas, ao contrário dos livros que necessitam de alguém para lê-los, leem a si mesmas e, elas mesmas, criam os ribossomos que são proteínas complicadas que montam o caracol de DNA. Os ribossomos compreendem as informações, as mudam de lugar e asseguram a estrutura molecular, pois lançam para fora as proteínas escritas na linguagem química para formar o ser humano. O que é fantástico é que as informações contidas no DNA não estão contidas nas moléculas que formam aquele cordão. Os bioquímicos chegaram à conclusão de que há milhares de modos de agrupar os átomos nas moléculas de DNA. Essa combinação perfeita, do ponto de vista matemático, é impossível que exista por acaso, por meio da experimentação ou simples possibilidades de combinações. É certo, então, que existe um *autor* que transcende o material da matéria dos quais esses cordões foram formados; ele criou as informações necessárias para formar a célula e nela escreveu e criou, também nela, um mecanismo de leitura e de execução que a própria célula constrói a partir das informações que o *autor* armazenou nela na criação. Diante dessa complexidade, é impossível que a pura química explique essas atividades, mesmo que sejam químicas, pois elas são controladas por informações existentes que não residem nos átomos e moléculas daquela célula; daí ser claro que, no princípio, Deus criou do *nada* uma única célula.

A questão da geração espontânea, desde Pasteur, foi declarada como impossível. A vida só surge da vida; essa questão já é um consenso entre os cientistas, tanto que há uma lei científica para explicar esse fato: a lei da biogênese.

Se as colocações acima não são suficientes, gostaríamos, ressalta-se ainda a complexidade do cérebro humano. Se as atividades eletroquímicas dele pudessem ser visualizadas pelos olhos humanos, estas seriam incontáveis como são as estrelas: 10 a 100 bilhões delas fazem trilhões de interconexões e contém milhões de células nervosas interconectadas por 15 mil km de fibras. O cérebro, portanto, é o material mais complexo e organizado de todo o Universo e, portanto, essa complexidade não pode ser por acaso.

Agora, no que diz respeito à impossibilidade da idéia da evolução proposta por Charles Darwin, a questão se concentra na falta de provas que fortifiquem essa teoria, ou seja, o tão afamado elo perdido, modernamente designado de ancestrais comuns, nunca foi encontrado. Pior que isso é o fato de, diante da ausência desse

elo, cientistas terem-no forjado. Esse foi o caso do *pitdown* que, segundo cientistas, seria o ancestral comum; porém, estudiosos do Museu Britânico descobriram que esse ancestral não passava de uma invenção, pois, simplesmente, ele tinha uma mandíbula de macaco acoplada num crânio de homem; portanto, esse *nearthetal* foi simplesmente homem. Outra possibilidade era o *australopithecus* (Luci); consideraram os seus dentes e mandíbulas semelhantes aos dos homens, mas, um estudo mais sistematizado dos maxilares humanos demonstrou a variedade humana no que diz respeito aos ângulos, ou seja, ao formato das mandíbulas. Segundo especialistas, se torna difícil, pela análise do ângulo, dizer se é de diferentes espécies. Além disso, os ossos desse suposto ancestral foram analisados por computadores e os resultados mostraram que não havia possibilidade de ligação entre ele e o *homo sapiens*; na realidade, estudos demonstraram que ele não era mais que uma variedade extinta de macaco.

O enigma, então, continuava sem solução: de onde veio o *homo sapiens*? Outra tentativa foi a consideração do *homo erectus* como um estágio intermediário; mas a sua reconstrução não passava de mera imaginação artística visto que o que existia era tão somente fragmentos de cabeças que foram reconstruídas pela criatividade humana.

Na ocasião da produção da obra de Darwin, *A origem das espécies*, não havia, como ainda hoje não há, evidências do elo perdido. Nessa época, 1810, um estudioso decidiu ir para o Oriente para encontrá-lo. Lá encontrou algumas caveiras. Em 1891, encontrou um crânio e, um ano depois, a 15 metros de distância, um osso de perna parecida com a do ser humano. Por sua conta, decidiu que esses ossos estavam juntos e que havia encontrado um macaco que andava ereto. Durante o período de 30 anos, jamais mencionou sobre as caveiras que havia encontrado anteriormente por 30 anos. Em 1920, resolveu, então, divulgar esse fato, o que causou uma grande consternação no meio científico. Se ele tivesse mostrado tudo ao mesmo tempo, ninguém teria aceitado esses ossos como metade homem e metade macaco, pois ele havia encontrado esses ossos bem humanos nas camadas semelhantemente datadas. Esse fato tão somente demonstra que esses fósseis viveram ao mesmo tempo, o que resulta, então, na óbvia conclusão de que o homem sempre foi homem e o macaco sempre macaco. Mais tarde, o mesmo

estudioso admitiu que o que encontrara não passava de um crânio de um gibão gigante, ou seja, restos de macacos.

Ainda desejosos de comprovar essa evolução, antropólogos modernos investiram no estudo da taxonomia molecular, mas, como sempre, nada conseguem provar. Pelo contrário, o que descobrem evidencia, ainda mais, a impossibilidade da evolução. Nesse caso, foi a constatação de que o número de cromossomos não apresenta evolução. O homem, de fato, é singular¹⁴; é o único com capacidade de criação, de imaginação, daí a sua semelhança com Deus. O Pentateuco sempre livrou seus leitores mais crédulos da concepção infantil de que o homem primitivo era um bruto. Pesquisas arqueológicas, cada vez mais, têm demonstrado vestígios das grandes civilizações, capazes de envergonhar as mais aperfeiçoadas deste século.

Se estes autores creem na corrente criacionista para a explicação da origem de tudo, creem que todo o princípio está registrado no livro de Gênesis. Sem os livros de Gênesis e Êxodo não se saberia da origem das raças e muito pouco das antigas civilizações babilônica, egípcia, assíria e outras. É praticamente inexistente documentação referente a esse momento histórico; na realidade, são escavações arqueológicas que têm dado sustentação, ou seja, provado a veracidade dos registros bíblicos para os mais céticos que, ainda, duvidavam disso. Além disso, é no livro de Gênesis que a origem dos problemas que assolam a humanidade são dados a conhecer.

¹⁴ Questão extremamente interessante, mas que esse trabalho se exige de discutir, dada a sua extensão, é a do centro de fala que só o homem possui no cérebro. Por mais que os animais possuam uma forma de comunicação, a do homem é inigualável, só ele tem a capacidade ilimitada de combinar sons articulados.

CONCLUSÃO

Nessa linha de raciocínio, sendo, então, relatado em Gênesis a origem de tudo, por lógica, aí está, também, a origem da família¹⁵. E como já demonstrado na divisão dos povos, cada família irá instruir os filhos segundo os preceitos adquiridos, visto que a educação no princípio da civilização não foi formal, ou seja, não havia uma instituição, tal como a atual, responsável pela educação. Sobre esse fato trata, muito claramente, a Sociologia que faz o estudo do comportamento humano em grupo, ou seja, da interação entre os seres humanos. Portanto, é nos manuais de Sociologia que os leitores são informados que todas as sociedades tiveram algum tipo de religião; em todas as sociedades não há instituição com a qual o homem tenha mais contato do que a família e é esta a responsável pela formação do indivíduo nos seus primeiros anos de vida. Com isso, estes autores afirmam que não há nada que tenha norteado mais a formação do indivíduo do que a religião seja a dos piedosos seja a dos impiedosos. Com isso, não se justifica a tentativa da ciência de querer explicar o mundo colocando-a em segundo plano, para não dizer tentando bani-la do campo de conhecimento como se ela não fosse capaz de contribuir para o desvendamento dos enigmas que, ao longo da história, tem desafiado o homem.

¹⁵ Ainda dentro desse raciocínio, restringe-se o campo no que diz respeito à religião, embora tenha sido feito uma definição de forma geral anteriormente, segundo a abordagem de Mesquita, dos piedosos. É dessa linhagem que surge o povo de Israel que, no futuro, estabelece o Cânon do Antigo Testamento e, na sequência, o próprio Jesus. Poucos anos depois, estudiosos estabelecem, também, o Cânon do Novo Testamento. Portanto, a verdadeira religião, para nós, desprovida de quaisquer interesses políticos e econômicos, encontra seus preceitos na Bíblia Sagrada, independente das variadas denominações existentes no mundo.

REFERÊNCIAS

BYL, John. *Deus e o cosmos: um conceito cristão do tempo, do espaço e do universo*. São Paulo: PES, 2003.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 2004.

EIMERICH, Nicolau. *Manual dos inquisidores*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo, Perspectiva, 2002.

GAARDE, Jostein. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GLEISER, Marcelo. *A dança do Universo: dos mitos de criação ao big-bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MONTEIRO, Delcio. *Os demônios descem do Norte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo do livro de Gênesis*. Rio de Janeiro: Casa publicadora Batista, 1979.

PAGANI, Sérgio M. *Os documentos do processo de Galileu Galilei*. Petrópolis: Vozes, 1994.

UNGER, Merril F. *Arqueologia do Velho Testamento*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1989.